

## **Transtorno do espectro do autista: a importância do enfermeiro na atenção e cuidados**

Alexandra Damasceno Soares<sup>1</sup>

Ana Paula Facin<sup>2</sup>

Gabriela de Barros Hugendopler<sup>3</sup>

Lavínia da Silva Marques<sup>4</sup>

Larissa Britto de Deus<sup>5</sup>

Letícia Luz de Souza<sup>6</sup>

Lohana Murussi Castilhos<sup>7</sup>

Dayane de Aguiar Cicolella<sup>8</sup>

**Resumo:** O autismo é uma doença complexa, decorrente de um distúrbio do desenvolvimento caracterizado por déficit em três áreas: interação social, comunicação e comportamento. Objetivo: expor informações sobre o Transtorno do Espectro Autista elucidando suas principais características e seus cuidados. Método: trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura com abordagem descritiva e exploratória. A busca de estudos e publicações ocorreu através da plataforma de dados Google Acadêmico a partir das palavras-chave: autismo, adultos e cuidados de enfermagem. Nesta pesquisa foram incluídos estudos sem critérios de anos de publicação e sim, por interesse de busca. A seleção foi realizada a partir da leitura exploratória com o propósito de analisar quais as publicações interessavam para a construção desta pesquisa. Após concluir a leitura exploratória foi executada leitura seletiva e a escolha propriamente dita do material selecionado. Resultados: os achados bibliográficos apontam que os principais sintomas do TEA costumam aparecer em torno do segundo ano de vida e destacam que a enfermagem, por sua atuação da linha de frente tem papel fundamental no apoio às famílias, bem como identificação de sinais e sintomas de possível TEA em crianças. Considerações finais: destaca-se que são poucas as pesquisas que envolvem a profissão enfermagem e sua atenção ao autismo, apontando a necessidade de maiores explorações sobre a temática para embasamento de ações e cuidados.

**Palavras-chave:** Autismo; Adultos; Cuidados de enfermagem.

<sup>1</sup> Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Enfermagem. E-mail: leledsoares@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Enfermagem. E-mail: ana\_facin@hotmail.com.

<sup>3</sup> Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Enfermagem. E-mail: hugendoplerr@gmail.com.

<sup>4</sup> Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Enfermagem. E-mail: laviniaenfsc@gmail.com.

<sup>5</sup> Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Enfermagem. E-mail: larissabdeus@gmail.com.

<sup>6</sup> Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Enfermagem. E-mail: leticia\_souza94@hotmail.com.

<sup>7</sup> Centro Universitário Cesuca. Graduanda do curso de Enfermagem. E-mail: lohana.rs@gmail.com.

<sup>8</sup> Centro Universitário Cesuca. Docente do curso de Enfermagem. E-mail: dayane.cicolella@cesuca.edu.br.

## 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno que compartilha déficits significativos na interação social como sua principal característica definidora. O déficit social é bastante severo, sua gravidade e início precoce induzem a mais problemas gerais e disseminados, tanto na aprendizagem como na adaptação. No TEA podem ser evidenciadas alterações da comunicação e/ou linguagem, comportamento social restrito, estereotipado e repetitivo de interesses para atividades. Ademais, as pessoas afetadas frequentemente apresentam condições comórbidas associadas como: epilepsia, depressão, ansiedade, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (VOLKMAR; WIESNER, 2018; AMA, 2017).

Existem cerca de 70 milhões de autistas no mundo. No Brasil, não há estudos conclusivos sobre a incidência. Contudo, estima-se que um a cada 360 indivíduos sejam acometidos por TEA, sendo que a cada 160 crianças uma apresenta a patologia. Estudos apontam que a prevalência global desse transtorno parece estar aumentando e existem muitas explicações possíveis para este aparente aumento da prevalência, incluindo maior conscientização, expansão de critérios diagnósticos, melhores ferramentas de diagnóstico e melhor comunicação. As evidências científicas disponíveis indicam a existência de múltiplos fatores, incluindo genéticos e ambientais, que tornam mais provável que uma criança possa apresentar TEA (PARASMO; LOWENTHAL; PAULA, 2015; PAULA; RIBEIRO; TEIXEIRA, 2011; BRASIL, 2017).

Não há cura para o TEA. Entanto, as intervenções psicossociais baseadas em evidências, como a terapia comportamental e os programas de treinamento para pais e outros cuidadores podem reduzir as dificuldades de comunicação e restrição do comportamento social, impactando de forma positiva na qualidade de vida e bem-estar da pessoa com o transtorno. Nesse sentido, há necessidade de uma diversidade de ofertas de atenção e cuidados diante das distintas manifestações, evitando a reprodução de respostas imediatistas e padronizadas (AMA, 2017; BRASIL, 2015).

Este estudo justifica-se pela importância de sua temática e exploração de conhecimentos sobre o Transtorno do Espectro Autista. Devido poucos estudos abordarem as relações entre enfermagem e atenção/cuidados ao indivíduo com autismo, essa revisão tem como objetivo expor informações sobre o Transtorno do Espectro Autista elucidando suas principais características e seus cuidados.

## 2 MÉTODO

Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura com abordagem descritiva e exploratória. Segundo Gil (2018) a pesquisa bibliográfica parte de materiais já publicados, ocorre a partir da experiência acumulada por outros autores e se desenvolve ao longo de uma série de etapas, sendo elas: escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca das fontes; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto e redação do texto.

O mecanismo de buscas de estudos e publicações ocorreu através da plataforma de dados Google Acadêmico a partir das palavras-chave: autismo, adultos e cuidados de enfermagem. Para Gil (2018) esse site de conteúdo é bastante utilizado por pesquisadores, pois permite o acesso a teses, dissertações, artigos publicados em periódicos e outros materiais especializados. A grande vantagem deste mecanismo é a de varredura que ocorre de forma exclusiva em *sites* acadêmicos, ordenando resultados por ordem de relevância e a frequência da citação dos autores na literatura acadêmica.

Nesta pesquisa foram incluídos estudos sem critérios de anos de publicação e sim, por interesse de busca. A seleção foi realizada a partir da leitura exploratória com o propósito de analisar quais as publicações interessavam para a construção desta pesquisa. Após concluir a leitura exploratória foi executada leitura seletiva e a escolha propriamente dita do material selecionado.

A pesquisa seguiu todos os critérios éticos, uma vez que os autores foram devidamente referenciados, cumprindo-se os direitos autorais e de publicação com rigor em reproduzir as ideias dos autores conforme determinação da Lei dos Direitos Autorais nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

## 3 RESULTADOS

A leitura exploratória permitiu a identificação de duas temáticas em destaque, descritas em sequência.

### 3.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO NA PESSOA ADULTA

Autismo é uma doença complexa, decorrente de um distúrbio do desenvolvimento caracterizado por déficit em três áreas: interação social, comunicação e comportamento. Essas alterações são evidentes até os três anos de idade. Os sinais e sintomas presentes nos primeiros meses de vida da criança são detectados, geralmente, pelos pais que costumam relatar que seus

filhos se isolam, não gostam de carinho, não choram, não conseguem manter um contato visual, além de apresentar hipoatividade. Mais tarde, apresentam uma inflexibilidade nas rotinas, movimentos repetitivos e estereotipados, hiperatividade, irritabilidade, déficit na fala e nas interações sociais (NUNES, SOUZA, GLUNCO, 2009).

Estudos apontam que os principais sintomas costumam aparecer em torno do segundo ano de vida, ainda que em alguns casos os primeiros sinais podem surgir antes dos dozes meses. A descrição do padrão de início pode incluir informações sobre atrasos precoces do desenvolvimento ou quaisquer perdas de habilidades sociais ou linguísticas (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

O TEA é uma condição comportamental em que a criança apresenta prejuízos ou alterações básicas de comportamento e interação social. Não se caracteriza por ser uma doença e sim, um espectro. Nesse sentido, não é possível afirmar que aquele indivíduo que possui o espectro, tem a necessidade de medicamentos para cura. Trata-se de uma condição neurológica e sendo assim, pessoas autistas são identificadas como neurologicamente atípicas. Em contrapartida, as pessoas que não estão dentro do espectro são consideradas típicas (GAITO; TEIXEIRA, 2018; SAMPAIO; FARIAS, 2020).

Um aspecto precoce do TEA é a atenção compartilhada prejudicada, conforme manifestado por falta do gesto de apontar, mostrar ou trazer objetos para compartilhar o interesse com outros ou dificuldade para seguir o gesto de apontar ou o olhar indicador de outras pessoas. O TEA apresenta os primeiros sintomas ainda na primeira infância entre 12 a 24 meses, porém por ser um espectro, os sintomas não são iguais para todas as crianças. Existem algumas comorbidades que alguns desenvolvem alterando o nível de intensidade e tratamento (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; SAMPAIO; FARIAS, 2020).

Conforme a criança se desenvolve, as dificuldades de relacionamento com outras pessoas tendem a ficar mais evidentes, pois a cada dia as demandas sociais aumentam. Outra particularidade do TEA são as enteropatias motoras, onde a criança fala respostas de forma repentina concretizando má regularização sensorial. Além disso, podem apresentar dificuldade em compreender e assimilar emoções, não denotando abalo afetivo pelo gesto, olhar ou pela fala, tendo uma limitação nas relações afetivas. Também, pode ocorrer uma desarmonia no desenvolvimento da fala, além de outras características que vão se tornando explícitas ao longo do desenvolvimento da criança, sendo visíveis ao verem suas fascinações por objetos e por hábitos inusitados como cheirar e lambe objetos, além de terem maior sensibilidade visual e tátil (GAITO; TEIXEIRA, 2018; FRANZOI et al., 2016).

Podemos perceber que as características do transtorno não se apresentam de forma linear, pois não se destaca uma única particularidade para os sintomas. Contudo, os sintomas não surgem de forma igualitária para todos os sujeitos. Assim, é preciso reconhecer que por mais parecidos que sejam, cada situação é singular e nenhum autista é igual ao outro (SANTOS; VIEIRA, 2017).

O TEA não é classificado como uma doença degenerativa, mesmo que os sintomas avancem com o decorrer da idade. Para classificar a gravidade do TEA, a Associação Americana de Psiquiatria utiliza o nível de dependência provocado pelo autismo no indivíduo. Nível 1 (leve) – Pessoas no TEA com necessidade de pouco apoio; Nível 2 (moderado) – Pessoas no TEA com necessidade de apoio substancial; Nível 3 (severo) – Pessoas no TEA com necessidade de apoio muito substancial (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

### 3.2 CUIDADOS DE ENFERMAGEM

O profissional de enfermagem tem um papel importante no auxílio ao diagnóstico, tratamento e acompanhamento da pessoa com TEA. O enfermeiro em sua avaliação pode perceber uma diferenciação no comportamento da criança e identificar sinais e sintomas, através de informações que pode colher dos pais e familiares sobre comportamentos alterados e inadequados dos filhos, podendo ser um alerta para a doença (SENA *et al.*, 2015).

O enfermeiro tem a missão de acompanhar e auxiliar famílias com algum membro autista, dando assistência, encorajando-os, transmitindo-lhes tranquilidade, focando no bem-estar do portador, esclarecendo dúvidas, incentivando o tratamento e acompanhamento, buscando a evolução em seu prognóstico. Ainda, pode atuar orientando pais e familiares sobre como lidar com possíveis comportamentos que possam ser revelados ao longo da condição. É necessário um olhar atencioso e livre de preconceitos ou julgamentos, a fim de garantir um atendimento humanizado (MELO, 2017; SENA *et al.*, 2015).

Para contribuir com familiares e com as equipes multiprofissionais para o cuidado à saúde da criança com TEA no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Ministério da Saúde lançou, em 2014, diretrizes para diagnóstico precoce e tratamento que contemplam o projeto terapêutico singular na perspectiva da habilitação e reabilitação, apoio e acolhimento à família, fluxograma de acompanhamento e atendimento na rede do SUS (NASCIMENTO, *et al.*, 2018). Essa publicação dirige-se a gestores e profissionais da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do Sistema Único de Saúde (SUS) e objetiva contribuir para a ampliação do acesso e a

qualificação da atenção às pessoas com TEA e sua família. Na perspectiva de construção de uma linha de cuidado específica para o autismo, o documento reafirma os princípios ético-técnico-políticos para a organização dos pontos de atenção da RAPS, subsidiando a definição de estratégias para a ação. Destaca a necessidade de uma atenção qualificada, visando à garantia da produção do cuidado continuado em território, incluindo a Atenção Básica (AB). Aponta a garantia de direitos das pessoas com TEA e seus familiares e a importância do desenvolvimento do trabalho em rede intersetorial e interação com os sistemas de garantia de direitos da pessoa autista (BRASIL, 2015).

Por fazer parte da equipe multiprofissional o enfermeiro necessita ter conhecimento sobre a doença/condição e suas características, direitos e cuidados através da linha de cuidado estipulada pela RAPS. O profissional se encontra na linha de frente, estando em contato maior com os pacientes e sua família, destacando a importância das suas orientações (FERREIRA; FRANZOI, 2019).

Dificuldades como a falta do acompanhamento da família e da criança desde o pré-natal na AB aliada à falta de recursos necessários para uma detecção precoce eficaz geram, muitas vezes, insegurança na prática profissional. Assim, para solucionar ou diminuir os entraves, a construção de um conhecimento técnico passa a ser primordial. Na AB é possível trabalhar na perspectiva da promoção da saúde e redução dos agravos, acompanhando o crescimento e o desenvolvimento infantil durante as ações de puericultura. O enfermeiro, como membro da equipe multiprofissional, é um dos responsáveis por esse acompanhamento e deve estar preparado para avaliar o desenvolvimento infantil, a fim de detectar precocemente qualquer anormalidade e tomar as medidas resolutivas para a melhoria da qualidade de vida, principalmente da criança com TEA e de sua família (NASCIMENTO, *et al*, 2018).

Ressalta-se a importância da atuação da equipe de enfermagem por suas habilidades e conhecimentos, destacando-se pela possibilidade de contribuir em vários âmbitos em relação ao TEA. Por isso, é fundamental que a enfermagem participe ativamente na assistência de pessoas com autismo, uma vez que possui propensão para ações de promoção e proteção, segurança e direitos do indivíduo e sua família (XAVIER *et al.*, 2021).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A atuação da enfermagem frente o TEA ainda é um espaço a se desenvolver. Destaca-se que o autismo é uma condição e seu diagnóstico inclui diferentes aspectos que podem ser identificados durante o desenvolvimento da criança. A enfermagem sendo uma profissão que

atua em diferentes espaços deve estar cada vez mais capacitada para identificar sinais e sintomas de possível diagnóstico, auxiliando as famílias da pessoa autista na compreensão de características específicas e desenvolvimento, direitos e apoio multiprofissional através da rede de cuidados em saúde.

Por fim, destaca-se que são poucas as pesquisas que envolvem a profissão enfermagem e sua atenção ao TEA. Portanto, espera-se que esta revisão possa contribuir para outros trabalhos, evidenciando aos profissionais da enfermagem a necessidade de novos estudos sobre a temática em questão.

## REFERÊNCIAS

AMA. ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO AUTISTA. Definição: Transtornos do espectro do autismo. AMA: São Paulo, 2017.

BRASIL. Organização Pan- Americana de Saúde. Organização Mundial da Saúde. Folha informativa. Transtorno do espectro autista. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do Sistema Único de Saúde. Brasília: DF, 2015.

CORDIOLI et al. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

FERREIRA, ACS.; FRANZOI, M.A H. Knowledge of nursing students about autistic disorders. J Nurs UFPE online., Recife, v. 13, n. 1, p. 51-60, 2019.

FRANZOI, MAH. et al. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. Texto contexto – enferm., Florianópolis, v. 25, n. 1, mar. 2016.

GAIATO, M; TEIXEIRA, G. Rezinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis. São Paulo: Versos, 2018.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2018.

HAMER, BL; MANENTE, MV; CAPELLINI, VLMF. Autismo e família: revisão bibliográfica em bases de dados nacionais. Revista Psicopedagogia., São Paulo, v. 31, n. 95, p. 169-177, 2014.

LIBERALESSO, P; LACERDA, L. Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências. 1. ed. – Curitiba: Movimento capricha na inclusão. 2020.

LOCATELLI, PB; SANTOS, MFR. Autismo: propostas de intervenção. Revista Transformar. n. 8, 2016.

MELO, CA et al. Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo. Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem, [S.l.], v. 2, n. 2, jun. 2017. ISSN 2448-1203.

NASCIMENTO YCML et al. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família. Rev baiana enferm. 2018;32:e25425

NUNES, S; SOUZA, T; GLUNCO, C. Autismo: Conhecimento da equipe da enfermagem. Fundação Padre Albino. 2009. 8 p.

PARASMO B; LOWENTHAL R; PAULA C. Autism Spectrum Disorders: prevalence and service use in four Brazilian regions. Revista Brasileira de Psiquiatria. 2015; 42:43.

PAULA, CS; RIBEIRO SHB; TEIXEIRA, MCTV. Epidemiologia e Transtornos Globais do Desenvolvimento. In: ARAÚJO JSSC. Transtornos do Espectro do Autismo. 1ª Ed. São Paulo: Memnon Edições Científicas. 2011. p.151–158.

SAMPAIO, RK O; FARIAS, GB. Biblioteca escolar inclusive: análise acerca do transtorno do espectro autista. Brazilian Journal of Information Science: Research trends, vol.14, no.3, jul.-set. 2020. e20007.

SANTOS, RK; VIEIRA, AME. Transtorno do espectro do autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. Revista Includere. v. 3, n. 1, 2017.

SENA, RCF et al. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre autismo infantil. J. res.: fundam. care. online, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.

VOLKMAR, FR.; WIESNER, LA Autismo: Guia essencial para compreensão e tratamento. Artmed Editora, f. 184, 2018. 368 p.

XAVIER AJ et al. Atuação da equipe de enfermagem na assistência a crianças diagnosticadas com autismo. Revista Científica da FAMINAS, v. 16, n. 1, p. 135-145, 2021.